

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SUMÁRIO

- **INTRODUÇÃO**
- **QUESTÕES GERAIS SOBRE A TRADUÇÃO**
- **TIPOS DE TRADUÇÃO**
- **FUNÇÕES DO TRADUTOR E DO INTÉRPRETE**
- **CONCLUSÃO**

INTRODUÇÃO

Esta disciplina quer discutir o conceito de tradução, atividade essa que é uma das mais antigas do mundo. É a forma que os homens de diferentes línguas encontraram para se comunicar. Não há atividade lingüística sem tradução e o próprio aprendizado de qualquer língua passa necessariamente pela tradução. No mundo/na cultura dos surdos, a tradução também ocupa um lugar central, pois é forma de estar comunicando com os ouvintes e também entre os próprios surdos como veremos na unidade 1 e 2. Assim, ao longo do curso, vamos discutir:

Unidade 1: O que é tradução

Unidade 2: Tipos de tradução, conforme a tipologia definida por Roman Jakobson.

Unidade 3: Tradução e interpretação, segundo autores como Schleiermacher, Mounin, Maria Cristina Pires Pereira, entre outros.

Para isso, examinaremos as definições apresentadas em obras de referência e nos principais autores que trataram do assunto.

QUESTÕES GERAIS SOBRE A TRADUÇÃO

Nesta unidade vamos estudar as possíveis acepções da palavra “traduzir” e de como ela vem sendo discutida ao longo dos anos.

A palavra *traduzir* deriva do latim *traducere* e, segundo o dicionário *Aurélio*, etimologicamente significa “conduzir além”, “transferir”. Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original “transferir” quer dizer, entre outras coisas, também “transpor, trasladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar,

manifestar, explicar”, “representar, simbolizar”. *Traduzir* no sentido de “passar de uma língua a outra” é uma metáfora do ato físico de transferir. Por sua vez, o próprio verbo *traduzir*, e o substantivo derivado *tradução*, são empregados, com frequência, como uma metáfora para descrever outros fenômenos parecidos. Assim, traduzir designa, de modo restrito, uma operação de transferência lingüística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos.

A palavra *tradução* em algumas línguas

- Albanês: transmetim
- Alemão: Übersetzung
- Espanhol: traducción
- Esperanto: traduko
- Francês: traduction
- Grego: metaphrase
- Indonésio: terjemahan
- Inglês: translation
- Italiano: traduzione
- Guarani: ñembohasa
- Neerlandês: vertaling
- Húngaro: fordítás
- Tcheco: překlad
- Turco: tercüme

ACRESCENTAR SINAL DE TRADUÇÃO EM LIBRAS

A palavra *translation* em html (código usado para compor as páginas na internet)

Html: T r a n s l a t i o n

A tradução dentro da mesma língua, operação normalmente conhecida como paráfrase e que Jakobson denominou *tradução intralingüística* é assim descrita por Octavio Paz¹ (1914-1998) em “Traducción: literatura y literalidad”:

¹ <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/paz/>

aprender a falar é aprender a traduzir: quando uma criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil (1990: 9).

Dentro desta concepção não há atividade lingüística sem tradução e o próprio aprendizado de qualquer língua passa necessariamente pela tradução. Não espanta, portanto, que a tradução seja uma das mais antigas atividades do mundo. Ela, de fato, existe desde tempos imemoriais, em todo tipo de troca entre seres humanos. Mas lembra Susan Bassnett que no passado a tradução era “considerada uma atividade marginal” (2003: 1), que só começou a ser vista como um ato fundamental do intercâmbio humano no século XX.

Em *A tradução vivida*, Paulo Rónai, ao contestar as definições dadas à palavra tradução, observa que:

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que “traduzir é passar para outra língua”. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo [...] Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio lingüístico que não o seu (1976: 3-4).

Nesse sentido, Paulo Rónai chama de “tradução naturalizadora”, a que “conduz uma obra estrangeira para outro ambiente lingüístico, adaptando ao máximo aos costumes do novo meio, retira-lhe as características exóticas, faz esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa” e de “tradução identificadora”, “que conduz o leitor para o país da obra que lê significa, e mantém cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena” (1976: 3-4). Esses aspectos da tradução naturalizadora e identificadora serão melhor discutidos na unidade 2.

Como visto anteriormente, a tradução é uma atividade antiga e já foi descrita na Bíblia. Derrida inicia o seu ensaio “Torres de Babel²”, evocando o texto bíblico e ao

² <http://www.estadosgerais.org/resenhas/telles-babel.shtml>

longo de todo o texto argumenta que Deus separou os homens para criar a tradução. Assim, o relato da confusão babélica se origina na *Bíblia*³ Gênesis 11:

1 Toda a terra tinha uma só língua, e servia-se das mesmas palavras.

2 Alguns homens, partindo para o oriente, encontraram na terra de Senaar uma planície onde se estabeleceram.

3 E disseram uns aos outros: “Vamos, façamos tijolos e cozamo-los no fogo.” Serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em lugar de argamassa.

4 Depois disseram: “Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra.”

5 Mas o senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíram os filhos dos homens.

6 “Eis que são um só povo, disse ele, e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos.

7 Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro.”

8 Foi dali que o Senhor os dispersou daquele lugar pela face de toda a terra, e cessaram a construção da cidade.

9 Por isso deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face de toda a terra.

Segundo George Steiner,

o fato de que milhares e milhares de línguas diferentes e mutuamente incompreensíveis foram e são faladas em nosso pequeno planeta é uma expressão clara do enigma profundo da individualidade humana, da evidência biogenética e bissocial de que não existem dois seres humanos inteiramente iguais. O evento de Babel confirmou e externalizou a interminável tarefa do tradutor (2005: 72).

Logo, a tradução é necessária porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações e pode variar, por exemplo,

³ <http://www.bibliacatolica.com.br/>

entre homem e mulher, criança e adulto, entre classes sociais diferentes ou ainda na linguagem gestual.

Um bom exemplo das diferenças entre variedades da mesma língua é o caso do português lusitano e o português brasileiro. Com frequência, obras contemporâneas, protegidas por direitos autorais e que em princípio poderiam ter uma só tradução, têm duas traduções, uma em português de Portugal e outra em português do Brasil. É o que aconteceu com o próprio livro *Depois de Babel*, de George Steiner, como para ilustrar o que ele defende no livro. Em 2002 a editora portuguesa Relógio d'Água publicou uma tradução para leitores portugueses e em 2005 a editora da UFPR publicou uma tradução para leitores brasileiros.

Embora algumas traduções portuguesas circulem no Brasil e algumas brasileiras circulem em Portugal, a tendência atual das editoras é apresentar traduções separadas para o mercado português e brasileiro. Em consequência, os editores internacionais costumam vender os direitos autorais para portugueses e brasileiros separadamente. Assim, as *Obras completas* do escritor argentino Jorge Luis Borges têm uma edição em Portugal e outra no Brasil.

O que é válido dentro da língua é também válido entre os diferentes sistemas semióticos e podemos, portanto, falar de tradução quando um texto é adaptado ao cinema, ao vídeo ou à história em quadrinhos, ou quando um poema é musicado. Esse tipo de tradução, olhado com suspeição maior do que a que costuma haver contra a tradução verbal, atrai cada vez mais o interesse dos pesquisadores.

A multiplicação das línguas humanas ocorreu também nas línguas humanas de sinais, tão antigas quanto as línguas baseadas orais-auditivas. Contrariamente ao que se poderia pensar, não há uma língua universal de sinais e tampouco há uma correspondência entre línguas de sinais e línguas verbais. Assim, a Língua Norte-Americana de Sinais é usada nos Estados Unidos, Canadá e México e cobre, portanto, as várias línguas faladas nos territórios desses países. Por outro lado, a Língua Britânica de Sinais difere da Língua Norte-americana de Sinais, embora a Grã-Bretanha e os Estados Unidos compartilhem a mesma língua natural, o inglês.

As variações podem ser ilustradas pela palavra *mãe*, bastante frequente em todas as línguas de sinais.

Língua holandesa de sinais



Língua norte-americana de sinais



Houve várias tentativas para contornar a existência de tantas línguas diferentes no mundo através da invenção de idiomas universais, especialmente concebidos para facilitar a comunicação entre os homens. A mais famosa dessas línguas artificiais é o esperanto, que tem seus defensores em todos os países, sem, no entanto, ter conseguido uma adesão suficiente para se impor como uma língua universal. Nas línguas de sinais, houve também a invenção de uma língua universal. Trata-se do Gestuno (pronuncia-se *gestuno*, como na palavra *Guevara*). O Gestuno, que vem do italiano, não é considerada propriamente uma língua por não possuir uma gramática. Os sinais são utilizados com a gramática de qualquer uma das línguas de sinais existentes. É utilizada em reuniões internacionais de surdos.

A tradução entre as diferentes línguas verbais e as diferentes línguas de sinais não só é possível, como é vista atualmente como um direito de cidadania dos surdos.

Como visto, a tradução tem sido definida de várias maneiras. É um termo multifacetado e são muitos os autores que têm se dedicado ao assunto. De acordo com Jeremy Munday, esta diversidade pode ser vista tanto quando se discute os aspectos gerais do campo tradução; o produto (o texto traduzido) ou o processo (o ato de traduzir e a tradução em si) (2001: 4-5).

Do exposto acima, podemos afirmar, em concordância com Susan Bassnett, que a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor (2003: 9). Essa mesma idéia vai ser enfatizada por Umberto Eco quando ele assevera:

“uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente lingüísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo” (2007: 190). E podemos ampliar as afirmações dizendo que o mesmo vale para quando temos casos de tradução na mesma língua e entre sistemas semióticos diferentes, mas sobre isso vamos falar a seguir.

TIPOS DE TRADUÇÃO

Nesta parte, vamos tratar dos diferentes tipos de tradução a partir da clássica divisão proposta por Roman Jakobson⁴: tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. Além disso, ao longo desta unidade, vamos discutir os diferentes tipos de tradução através da abordagem de diversos teóricos até chegar à tradução automática.

Para Roman Jakobson, existem três tipos de tradução:

- 1) A tradução intralingual, ou *reformulação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual, ou *tradução propriamente dita*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica, ou *transmutação*, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (1975: 64-5).

A **tradução intralingual** engloba o **texto de partida, o leitor-textualizador e o texto de chegada**. Segundo Jakobson, “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa [...]” (1975: 65). Aliás, nem a aparente sinonímia produz equivalência, pois para Susan Bassnett “a tradução intralingüística tem de recorrer com frequência a uma combinação de unidades de código de forma a interpretar cabalmente o sentido de uma simples unidade” (2003: 37-8). É por isso, segundo ainda Bassnett, que

um dicionário de sinônimos pode indicar *perfeito* como sinónimo de *ideal* e *veículo* como sinónimo de *transporte*, mas não se pode dizer em nenhum dos casos que se produz

⁴ www.pucsp.br/pos/cos/cultura/biojakob.htm

completa equivalência, uma vez que cada unidade contém em si um conjunto de associações e conotações não-transferíveis (2003: 38).

A tradução intralingual acontece, por exemplo, quando um texto do passado, como *Os Lusíadas*⁵, de Luís de Camões, é lido por um leitor atual da mesma língua, ou quando um texto do presente, mas particularmente complexo, como *Finnegans Wake*⁶ do irlandês James Joyce e o *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa é lido por um leitor atual. No primeiro caso, acontece o que Steiner chama de *tradução diacrônica no interior da própria língua*, que, para ele é um fenômeno “tão constante, nós a realizamos tão inconscientemente que raramente paramos para observar seja sua complexidade formal, seja o papel decisivo que ela exerce na própria existência da civilização” (2005: 54). O segundo caso, quando explicamos para nós mesmos um texto complexo, remete a uma experiência que realizamos todos os dias, e não apenas em textos literários, e que Paulo Rónai caracteriza da seguinte forma:

ao vazarmos em palavras um conteúdo que em nosso pensamento existia apenas em estado de nebulosa, fenômeno constante em todos os momentos conscientes da vida, estamos também traduzindo, mas praticamos a tradução intralingual, operação esta que tem as próprias dificuldades e cujo resultado muitas vezes nos deixa insatisfeitos (1976: 1).

As diferentes camadas das sociedades humanas também costumam usar um idioma diferente, embora a diferença varie bastante de sociedade para sociedade. Exemplos não faltam: há comunidades que usam uma língua para a religião, outra para o governo, outra para literatura, outra para a comunicação do cotidiano.

Na época do descobrimento do Brasil, por exemplo, os índios falavam a sua língua, que era oral, pois não se tinham registros de escrita, os colonizadores outra. Índios e colonizadores se comunicaram primeiro com gestos e, mais tarde, em uma língua franca, o nheengatu, língua geral que se originou de uma língua do tronco tupi falada no litoral brasileiro e que se difundiu na região amazônica. O nheengatu era largamente usado pelos colonizadores no Brasil até o século XVIII (ver a este respeito *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, pp. 88-96).

Já quando se trata de classes sociais diferentes, o problema também se coloca: basta pensar no discurso entre o operário de uma fábrica e o patrão. Esta relação de falta

⁵ <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/lusiadas/index.html>

⁶ <http://www2.folha.uol.com.br/biblioteca/1/22/1999111301.html>

de comunicação e compreensão entre o operário e o patrão já foi metaforicamente ilustrada, por exemplo, no famoso poema de Vinicius de Moraes “Operário em construção”. Veja aqui o poema⁷.

A tradução intralingual também se faz presente entre a língua usada pela criança e a do adulto e a usada pelo homem e a da mulher. Até bem pouco tempo atrás, esses dois grupos foram discriminados e mantidos numa condição de inferioridade, às vezes combinada com certos privilégios. Nessa situação, em certas sociedades surgiram linguagens diferenciadas, típicas desses dois mundos. Mas para alguns autores, como Steiner, a diferença está inserida no centro mesmo da linguagem:

Não há duas épocas históricas, duas classes sociais, duas localidades que usem as palavras e a sintaxe para expressar as mesmas coisas [...]. Nem dois seres humanos. Cada uma das pessoas se serve, deliberadamente ou por costume espontâneo, de duas fontes de suprimento lingüístico: a língua corrente que corresponde a seu grau de letramento e um tesouro privado. [...] A língua de uma comunidade, por mais uniformes que sejam seus contornos sociais, é um agregado inesgotavelmente múltiplo de átomos de fala, de significados pessoais em último caso irreduzíveis (2005: 70-1).

Junto com uma língua comum a uma dada comunidade, teríamos, portanto, inevitavelmente, um grande leque de variantes segundo, a época histórica, a localização geográfica, a classe social, a faixa etária, até chegar ao próprio indivíduo.

Os conceitos de **compreensão e interpretação** são, portanto, palavras-chave no fenômeno da tradução intralingual. Mesmo quando nos limitamos a uma única língua, estamos em um universo altamente complexo e em constante mutação. Por isso, Steiner afirma que a operação tradutória intralingual está presente sempre, em todos os tipos de texto, independentemente de sua relevância cultural ou estética:

quando lemos ou ouvimos qualquer enunciado verbal do passado, seja saído do Levítico ou do *best seller*⁸ do último ano, nós traduzimos. Leitor, ator, editor são tradutores de eventos lingüísticos fora de sua época. O modelo esquemático da tradução é aquele no qual uma mensagem passa de uma língua de saída para uma língua de chegada por meio de um processo transformador. A barreira é o fato óbvio de que uma língua difere da outra, de que uma transferência interpretativa deve ocorrer de modo a garantir que a mensagem “passe”. Exatamente o mesmo modelo - e isto raramente recebe o devido destaque - está em funcionamento no interior de uma única língua (2005: 53).

Após definir e abordar aspectos da tradução intralingual, agora vamos refletir sobre outro tipo de tradução: a interlingual.

⁷ <http://www.astormentas.com/vinicius.htm>

⁸ Livro que é um sucesso de livraria, que vende muito.

A tradução interlingual engloba texto de partida, tradutor e texto de chegada. É o tradutor, através de uma operação em que atua simultaneamente como leitor, intérprete e textualizador, que produz o **texto de chegada em um código 2 através da leitura e interpretação do texto de partida em um código 1.** Para Jakobson,

no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras [...]. Mais freqüentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de códigos separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (1975: 65).

Como o tradutor interlingual trabalha com línguas diferentes, a tradução interlingual pode ser considerada, como diz Georges Mounin em *Os problemas teóricos da tradução* como “um fato de bilingüismo” (1965: 6).

Todos os tipos de texto podem ser submetidos a uma tradução interlingual: dos técnicos aos literários, passando pelos esportivos, religiosos e políticos, em uma riqueza tal que com freqüência não avaliamos bem sua importância. Na prática, a própria existência da civilização humana em escala mundial depende muito da tradução contínua desses diferentes tipos de texto. O que era visível apenas para os interessados no assunto, ficou mais claro com o surgimento e expansão da internet, pois agora existem online milhões de documentos em quase todas as línguas e uma boa parte dessa enorme massa textual é, de uma ou outra forma, tradução.

No Brasil, por exemplo, calcula-se que a tradução interlingual representa cerca de 60 a 80% dos textos publicados e que 75% do saber científico e tecnológico provém das traduções, alimentando vários setores da vida nacional. Sem a tradução, muitos setores simplesmente não funcionariam, como por exemplo, o de softwares, medicamentos, automobilístico etc.

A tradução interlingual, sobretudo a tradução literária, recebeu sempre a atenção dos escritores e críticos. No Ocidente, os primeiros grandes pensadores da tradução foram romanos, e não por acaso, já que a civilização romana é, em grande parte, o produto de um projeto consciente de tradução e adaptação da civilização grega antiga.

Cícero (106 a. C - 43 a. C) e Horácio (65 a. C- 8 a. C) foram os primeiros a estabelecer a distinção entre “tradução literal” e “tradução do sentido”, distinção que salta naturalmente aos olhos de qualquer observador do fenômeno tradutório. Para ambos, preocupados em criar uma cultura romana, não se deve traduzir palavra por palavra, mas o sentido; no caso o sentido textualizado pelos gregos deveria, para eles, receber uma coloração romana.

A propósito de Cícero e Horácio, Bassnett observa que:

As posições de Cícero e Horácio sobre tradução tiveram grande influência em gerações sucessivas de tradutores e ambos entendem a tradução dentro do contexto alargado das duas funções principais do poeta: o dever humano universal de adquirir e disseminar a sabedoria, e a arte especial de fazer e dar forma ao poema (2003: 81).

Se a ênfase de Cícero e Horácio era no texto de chegada para o enriquecimento da língua e da literatura latina, com a tradução da Bíblia, por exemplo, temos uma mudança de foco e a preocupação era com o texto de partida, pois o objetivo era o de “espalhar a palavra de Deus” e estar o mais próximo possível da palavra divina.

Por isso, as religiões, especialmente as religiões de tipo universalista, sempre lidaram com a tradução, elemento-chave para sua expansão entre os diferentes povos. Entre elas, talvez a que mais se dedicou às questões de tradução foi o cristianismo. De fato, a tradução da Bíblia constitui um dos mais ricos capítulos da história da tradução, com momentos sublimes, dramáticos e trágicos.

Já no terceiro século a.C., quando o grego era a língua franca, eruditos judeus começaram a traduzir a bíblia hebraica ao grego, trabalho que só se completaria um século mais tarde. A tradição, contudo, era que cada uma das 12 tribos de Israel tinha contribuído com seis eruditos para o projeto do que viria a ser conhecido como a Septuaginta. Com a propagação do cristianismo novas traduções foram feitas para o copta⁹, o etíope, gótico¹⁰ e, o que foi crucial, para o latim. Em 1405, São Jerônimo completou sua tradução, baseada em parte na Septuaginta¹¹. Apesar dos erros inseridos por copistas, a Vulgata, como passou a ser conhecida a versão jeronimiana, se

⁹ Língua do ramo egípcio, cujas primeiras atestações datam do séc. II, e que é, atualmente, usada apenas como língua religiosa pelos cristãos do Egito.

¹⁰ Língua dos godos, povo antigo da Germânia, que do séc. III ao V invadiu os impérios romanos do Ocidente e do Oriente. Dividiam-se em ostrogodos (godos do Leste) e visigodos (godos do Oeste).

¹¹ **Septuaginta** é o nome de uma tradução da Torá, (Escrituras Hebraicas) para o idioma grego, feita no século III a.C..

transformou na tradução de referência do cristianismo ocidental, posto que manteve por cerca de um milênio.

Em relação ao número de traduções, a Bíblia também impressiona. Se em 1450 havia já 33 diferentes traduções, e em 1800 esse número tinha saltado para 71, no final do século XX, havia edições integrais em mais de 250 línguas e edições parciais em cerca de 1300 outras línguas.

Como não podia deixar de ser quando se trata de tradução, a tradução bíblica trouxe novamente à tona a discussão da oposição tradução literal versus tradução livre. São Jerônimo, o patrono dos tradutores, ao traduzir o Novo Testamento, diz ter optado por traduzir o sentido e não palavra por palavra.

Curiosamente, na umbanda, São Jerônimo é o sincretismo de Xangô ¹² por haver traduzido a Bíblia e ser, portanto conhecedor das leis, o que vem demonstrar a importância e o poder da tradução, aqui vista como instrumento de acesso ao saber. São Jerônimo também foi um dos primeiros a se preocupar com os surdos ao afirmar em *Commentarius in epistulam Pauli ad Gálatas* I,3 que “os surdos podem aprender o Evangelho através dos sinais”. Este é o primeiro documento que cita os sinais como meio para a instrução dos surdos.

Lutero, o tradutor da Bíblia para o alemão, também se preocupava com o sentido, mas enfatizava o estilo do texto, com ênfase na ligação entre a língua da tradução e a língua falada. Para que os seus seguidores pudessem ter acesso direto às Escrituras, estas tinham que estar escritas em uma linguagem atraente e próxima à língua de todos os dias.

Essa preocupação com a beleza da língua e com a proximidade com a língua oral vai caracterizar várias traduções protestantes da Bíblia. A mais célebre de todas, do ponto de vista estético, é a chamada *King James Version*, ou Bíblia do Rei Jaime, verdadeiro monumento literário reivindicado por intelectuais e artistas, apesar de estar escrito em uma língua da qual o inglês contemporâneo se afastou em muitos aspectos.

¹² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xang%C3%B4>

Depois da tradução religiosa, que representa, de acordo com Bassnett, “um microcosmos¹³ da história da cultura ocidental” (2003: 85), foi a tradução literária que mais produziu textos de cunho crítico e teórico.

Por isso, vamos conhecer autores que refletiram sobre o assunto, cujas contribuições ainda hoje permanecem válidas. Um dos primeiros escritores a desenvolver uma teoria da tradução foi o humanista francês Etienne Dolet (1509-1546). Em “A maneira de bem traduzir de uma língua para outra” (1540), Dolet estabeleceu cinco princípios para o tradutor:

1. o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido;
2. o tradutor deve conhecer perfeitamente a língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe traduzir;
3. o tradutor não deve traduzir palavra por palavra;
4. o tradutor deve usar palavras de uso corrente;
5. o tradutor deve observar a harmonia do discurso (2004: 15-9).

Segundo Bassnett,

os princípios assim preconizados e hierarquizados por Dolet acentuam a importância da *compreensão* do texto de partida como requisito fundamental. O tradutor é muito mais do que um lingüista competente e a tradução envolve uma aproximação ao texto de partida com conhecimento de causa e com sensibilidade, bem como a percepção do lugar que a tradução pretende ocupar no sistema da língua de chegada (2003: 98).

Se Dolet foi um dos primeiros a tratar de maneira mais sistematizada questões referentes à tradução interlingual, a discussão da tradução passa, a partir do Renascimento, a ser um dos tópicos da cultura do Ocidente, e muitos outros o seguiram.

É o caso de Dryden (1631-1700) que, no seu Prefácio às Cartas de Ovídio (1680), propõe três tipos de tradução: 1) Metáfrase: verter palavra por palavra; 2) Paráfrase: tradução do sentido; 3) Imitação: recriação. Para Dryden, o método mais

¹³ Mundo pequeno, resumo do Universo.

sensato para as traduções é a paráfrase, porque esta via intermediária permite uma leitura atenta do original para detectar as minúcias do estilo e da forma do texto a ser traduzido.

Um outro autor de língua inglesa, Alexander Fraser Tytler (1747–1813) também trabalha com a tripartição dos aspectos concernentes à tradução. Em 1791, Tytler escreve *The principles of translation* [Os princípios da tradução] e defende três princípios: 1) a tradução deve fazer uma transcrição completa da idéia da obra original; 2) o estilo e o modo da escrita devem ser os mesmos do original; 3) a tradução deve conservar toda a naturalidade do original.

Já o alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834) em seu importante ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, de 1813, discute duas possibilidades em relação à tradução:

1. ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele;
2. ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até ele.

Esta idéia será mais tarde retomada de maneira mais filosófica por Walter Benjamin (filósofo alemão, autor de um famoso ensaio sobre tradução: “A tarefa do tradutor”) e de modo mais ideológico por Lawrence Venuti (tradutor e teórico da tradução ítalo-americano), que empregará, na avaliação das traduções, as expressões “tradução estrangeirizadora” “tradução domesticadora”, de clara inspiração schleiermacheriana. Os diferentes métodos de Schleiermacher também parecem ter servido de fonte para as reflexões sobre tradução de Paulo Rónai discutidas na unidade 1, quando ele fala de “tradução naturalizadora” e tradução identificadora”. A tradução naturalizadora estaria ligada ao segundo tipo de tradução proposto pelo hermeneuta alemão e a tradução identificadora ao primeiro método.

Diante desta variedade de teorizações, vamos agora ver como o professor, crítico e teórico George Steiner agrupa as teorias da tradução.

Para ele, a produção teórica ocidental sobre o assunto pode ser dividida em quatro grandes períodos:

1) o primeiro caracteriza-se como o mais empírico e abarcaria de 46 a. C. a 1804, isto é, de Cícero a Hölderlin. Entre essas duas datas, figuram São Jerônimo, Leonardo Bruni, Montaigne, Dryden entre outros;

2) o segundo período, de teoria e investigação hermenêutica, dá ao problema da tradução um caráter mais filosófico, iniciando-se com os escritos de Tytler e Schleiermacher passando por Schlegel e Humboldt. Já os textos de Goethe, Schopenhauer, Paul Valéry, Pound, Croce, Benjamin e Ortega y Gasset refletem as descrições da atividade do tradutor e das relações entre as línguas. Essa época comporta uma historiografia da tradução e se estende até Valery Larbaud (1946);

3) o terceiro momento é o da corrente moderna. No final da década de 40 aparecem artigos sobre tradução automática (que vamos ver a seguir). Os pesquisadores russos e tchecos aplicam a teoria lingüística e os métodos estatísticos à tradução;

4) no quarto momento, por volta da década de 60, há o redescobrimto de *A tarefa do tradutor*, texto de Walter Benjamin, publicado em 1923, que dará nova vida aos estudos hermenêuticos, quase filosóficos, sobre a tradução e a interpretação. Decai a confiança que inspirava a tradução automática. Nessa época, o estudo da teoria e da prática da tradução torna-se interdisciplinar, com contribuições, entre outros, da psicologia, antropologia, sociologia e etnografia. Assim, a filologia clássica, a literatura comparada, a estatística lexical e etnográfica, a sociolingüística, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática confluem no propósito de esclarecer o ato de tradução e os mecanismos da “vida entre as línguas” (2005: 259-262).

Como se pode perceber, muito se falou sobre a tradução entre línguas diferentes e, grosso modo, a teoria sobre o assunto debate: 1) tradução literal; 2) tradução intermediária, que se dá com a ajuda de um enunciado que procura ser fiel e, no entanto, autônoma; 3) imitação, recriação, variação ou interpretação paralela.

Steiner vai observar, por exemplo, que embora a história da tradução seja muito rica, o número de idéias originais e significativas sobre o assunto permanece limitado, porque as reflexões sempre tendem a falar ou da tradução literal, ou da tradução livre (200: 263).

Mas há autores como Jorge Luis Borges, por exemplo, que vai além desse tipo de classificação e dá uma nova dimensão à tradução, valorizando-a por contribuir para a discussão estética. Na concepção borgiana, as traduções são vistas não apenas como derivadas de um original necessariamente superior, mas como atualizações do original que podem, eventualmente, ser tão ou mais significativas do que este. Assim, um conjunto de traduções realizadas para diferentes línguas pertencentes a sistemas literários sofisticados pode ser representar para seu leitor mais riqueza estética do que para o leitor monolíngüe do original. Borges ilustra o aparente paradoxo de as traduções oferecerem mais prazer estético que o original, dizendo que pelo fato de não conhecer grego, pôde ler a *Odisséia*¹⁴ em várias traduções para diferentes línguas. Para Borges, que era um grande conhecedor de línguas estrangeiras, a sua leitura de um conjunto de *Odisséias* em inglês, francês, alemão, representando diferentes estilos e épocas, constituiu uma experiência literária mais rica do que sua leitura de *Dom Quixote*¹⁵ feita apenas em espanhol.

A tradução interlingual também serve como exercício de escrita e como meio de desenvolver e/ou aprimorar o próprio estilo. Aliás, muitos escritores como, por exemplo, o italiano Giacomo Leopardi (1798-1837) defende a prática da tradução para o escritor iniciante. É traduzindo que se aprende a compor com estilo. Convém frisar que quando Leopardi fala que é traduzindo que se aprende a escrever, ele se refere à tradução de excelentes autores clássicos gregos e latinos, como Homero, Virgílio e Horácio. Mas no caso de ser escritor e escrever bem, a probabilidade de uma boa tradução é bastante alta, pois a tradução de qualidade é obra do escritor maduro. Assim,

¹⁴ Poema do grego Homero (v. *homérico*), cujo assunto são as aventuras de Ulisses ao retornar à pátria, após a tomada de Tróia.

¹⁵ Poema do grego Homero (v. *homérico*), cujo assunto são as aventuras de Ulisses ao retornar à pátria, após a tomada de Tróia.

em uma de suas primeiras observações sobre tradução, que se encontra numa carta de 29 de dezembro de 1817 endereçada ao amigo e escritor Pietro Giordani, ele diz:

[...] dou-me conta de que traduzir, assim por exercício, deve realmente preceder a atividade de compor, sendo útil e necessário para os que querem tornar-se escritores insignes; mas para tornar-se um grande tradutor convém antes haver composto e ter sido bom escritor: enfim, uma tradução perfeita é obra mais da maturidade que da juventude (1996: 730).

Como se pode perceber, Leopardi coloca a prática da tradução como requisito para se tornar um bom escritor, porque para o escritor italiano, a tradução possibilita o mais íntimo e profundo contato com determinados textos literários, com suas formas, mas também com o conteúdo das obras dos escritores que estão sendo traduzidos.

Com essas idéias, Leopardi lança as bases da relevância do traduzir, estabelecendo a relação tradutor-escritor e escritor-tradutor, afirmando que somente um bom escritor pode ser um bom tradutor. Claro que esta idéia pode ser contestada e há muitos autores que defenderam uma ou outra posição, embora a balança pareça pender mais para o lado de Leopardi.

Ademais, para o escritor italiano, o tradutor é um leitor privilegiado, pois a tradução é a melhor forma de aprofundar uma leitura. Essa parece ser, em parte, idéia corrente entre autores como Haroldo de Campos. Contudo, o poeta brasileiro, ancorado nas teorias de Jakobson e do poeta, músico e crítico americano Erza Pound (1885-1972), Haroldo trabalha com o conceito de recriação na tradução poética. Haroldo vê a tradução como uma possibilidade de criação e também de crítica. A tradução de textos criativos sempre será para Haroldo de Campos “recriação”, ou criação paralela. Por isso, quanto mais repleto de dificuldades um texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação (2004: 35). Você também pode encontrar mais informações sobre o autor visitando o seu site¹⁶.

Na linha da recriação, pois ancorado no fato da impossibilidade da completa equivalência, Jakobson declara, principalmente em relação à poesia, que:

Apenas a transposição criativa é possível: seja a transposição intralingüística – de uma forma poética para outra, seja a transposição interlingüística – de uma língua para outra, ou, finalmente, a

¹⁶ www.haroldodecampos.com.br

transposição intersemiótica – de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, dança, cinema ou pintura (1975: 72).

August Willemssen, tradutor para o holandês de autores como Machado de Assis e Guimarães Rosa tem uma posição que vale a pena considerar. Estando em Florianópolis, em outubro de 1984, ele proferiu, na Pós-Graduação de Literatura da UFSC, uma palestra que foi posteriormente publicada no primeiro número da revista *Fragments* do LLE/UFSC. Nessa palestra ele declarou o seguinte:

O tradutor tem de conhecer o país do escritor, até a região ou cidade do escritor e as particularidades lingüísticas correspondentes. Tem de saber sobre a época do escritor, a história e a literatura de seu país, bem como a eventual tradição literária em que se situa o escritor. Não adianta ter lido só o livro que pretende traduzir, pois acho que não se deve traduzir um livro, mas um escritor, mesmo que dele se traduza só uma obra. É preciso saber o que o autor leu, quais as suas preferências literárias, o que se escreveu a seu respeito. E preciso saber como as pessoas de seu país convivem, quais as relações entre homem e mulher, qual o cheiro do país, não só o cheiro de arquivos, bibliotecas e livrarias, mas também o cheiro das ruas, das pessoas, da comida, da bebida, tudo. (*Fragments* 1)

Essa tradução totalizadora, preconizada por Willemssen, em que o tradutor conhece não apenas o texto a traduzir mas todos os textos do autor, a crítica, sua biografia, seu país é, evidentemente, excepcional e exige um grau de dedicação impossível para a maioria dos tradutores profissionais. Aplicada de forma sistemática e sensível, ela pode ser responsável por traduções de alta qualidade, como as do próprio Willemssen, na Holanda, e no Brasil traduções como as realizadas por Boris Schnaiderman do russo.

Como visto até agora, muitos autores discutiram sobre o assunto ao longo dos anos e, com o reconhecimento da tradução como disciplina acadêmica no início dos anos 80 do século XX, muitas correntes foram se desenvolvendo, como por exemplo: as teorias sobre equivalência e comparações entre línguas; as teorias funcionalistas; as abordagens discursivas; os estudos descritivos e normas; a teoria do polissistema; os estudos de corpus; os estudos culturais e a abordagem interdisciplinar, em que lingüística, filosofia etc se interligam. Exemplos de tradução interlingual são infinitos. Abaixo seguem alguns fragmentos de importantes textos traduzidos para o português do Brasil. O primeiro é um trecho do Capítulo XXIII do *Satyricon*¹⁷, de Petrônio, escrito em latim e

¹⁷ *Satiricon* é uma obra da *Literatura latina*, do prosador romano *Petrônio*, escrita provavelmente cerca de 60 DC, que descreve as aventuras e desventuras do narrador, Encolpius, do seu amante Ascyltus e do belíssimo jovem Giton, que se intromete entre os dois amantes provocando ciúme e discussão. Juntamente com o poeta Eumolpus embarcam em aventuras diversas acabando naufragados nas mãos de *Circe*, uma sacerdotisa do deus *Príapo*.

com tradução para o português do Brasil de Paulo Leminski. (ver

<http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/kamiquase/ensaio37.htm>.

Refectum igitur est convivium et rursus Quartilla ad bibendum revocavit. Aduvit hilaritatem comissantis cymbalistris. Intra cinaedus, homo omnium insulsissimus et plane illa domo dignus, qui ut infractis manibus congemit, eiusmodi carmina effudit:	A festa recomeça, e Quartila chama todo mundo para recomeçar a beber, ao alegre som da cymbalistris. Entra um dançarino completamente bicha, como, aliás, tudo naquela casa, e, batendo as mãos para marcar o ritmo, largou um poema que dizia assim:
--	---

Huc huc convenite nunc, spatilocinaedi,	Vem comigo, vem comigo,
--	----------------------------

pede tendite, cursum addite, convolate planta,	Vocês que gozam pelos cinco sentidos,
---	--

femore facili, clune agili et manu procaces,	Pezinho pra frente, bundinha pra trás,
---	---

molles, veteres, Deliaci manu recisi	Delírios e delícias orientais.
---	-----------------------------------

O segundo um fragmento de “Albertina desaparecida”, de Marcel Proust, escrito em francês com tradução brasileira de Ivan Junqueira:

Chapitre premier

(fragment)

Le plus pressé était de lire la lettre d'Albertine puisque je voulais aviser aux moyens de la faire revenir. Je les sentais en ma possession, parce que, comme l'avenir est ce qui n'existe encore que dans notre pensée, il nous semble encore modifiable par l'intervention in extremis de notre volonté. Mais en même temps je me rappelais que j'avais vu agir sur lui d'autres forces que la mienne et contre lesquelles, plus de temps m'eût été donné, je n'aurais rien pu. À quoi sert que l'heure n'ait pas sonné encore si nous ne pouvons rien sur ce qui s'y produira. Quand Albertine était à la maison j'étais bien décidé à garder l'initiative de notre séparation. Et puis elle était partie. J'ouvris la lettre d'Albertine. Elle était ainsi conçue:

Capítulo primeiro

(fragmento)

O mais urgente era ler a carta de Albertina, pois queria descobrir os meios de fazê-la regressar. Sentia-os em meu poder porque, como o futuro é aquilo que existe apenas em nosso pensamento, ele nos parece ainda capaz de ser alterado pela intervenção in extremis de nossa vontade. Mas ao mesmo tempo eu me lembrava de que vira atuar sobre ele outras forças além da minha e contra as quais, por mais tempo que me concedessem, eu nada teria podido. De que adianta não haver ainda soada a hora, se nada podemos contra o que acontecerá? Quando Albertina ainda vivia em minha casa, fui eu que decidi tomar a iniciativa de nos separarmos. E em seguida ela partiu. Abri sua carta. Estava escrito:

Mon ami, pardonnez-moi de ne pas avoir osé vous dire de vive voix les quelques mots qui vont suivre, mais je suis si lâche, j'ai toujours eu si peur devant vous, que, même en me forçant, je n'ai pas eu le courage de le faire. Voici ce que j'aurais dû vous dire: Entre nous, la vie est devenue impossible, vous avez d'ailleurs vu par votre algarade de l'autre soir qu'il y avait quelque chose de changé dans nos rapports. Ce qui a pu s'arranger cette nuit-là deviendrait irréparable dans quelques jours. Il vaut donc mieux, puisque nous avons eu la chance de nous réconcilier, nous quitter bons amis; c'est pourquoi, mon chéri, je vous envoie ce mot, et je vous prie d'être assez bon pour me pardonner si je vous fais un peu de chagrin, en pensant à l'immense que j'aurai. Mon cher grand, je ne veux pas devenir votre ennemie, il me sera déjà assez dur de vous devenir peu à peu, et bien vite, indifférente; aussi ma décision étant irrévocable, avant de vous faire remettre cette lettre par Françoise, je lui aurai demandé mes malles. Adieu, je vous laisse le meilleur de moi-même. Albertine.

"Meu amigo, perdoe-me por não haver ousado lhe dizer de viva voz as palavras que se seguem, mas sou tão covarde, sinto-me sempre com medo diante de você, que, mesmo me esforçando, tive coragem de fazê-lo. Eis o que lhe deveria ter dito: a vida entre nós tornou-se impossível; aliás, você decerto percebeu por seu falatório da outra noite que algo mudou em nossas relações. O que se pôde ajeitar naquela noite se tornaria irreparável poucos dias depois. É melhor assim, pois tivemos a oportunidade de nos reconciliar, de nos separar como bons amigos; por isso, meu querido, é que lhe escrevo essas palavras e rogo a você que seja bom o bastante para perdoar-me se lhe causo algum desgosto, imaginando o imenso que terei. Meu querido, não quero tornar-me sua inimiga; já me será muito penoso tornar-me pouco a pouco, e bem depressa, indiferente a você; minha decisão é irrevogável e, antes de lhe enviar esta carta por intermédio de Francisca, terei pedido a ela minhas malas. Adeus, deixo-lhe o melhor de mim mesma. Albertina."

E o terceiro é a tradução para o português do Brasil de Haroldo de Campos de um poema da *Vida Nova* de Dante Alighieri, escrito em italiano:

Excerto

A ciascun'alma presa e gentil core
nel cui cospetto ven lo dir presente,
in ciò che mi rescrivano suo parvente,
salute in lor signor, cioè Amore.

Già eran quasi che atterzate l'ore
del tempo che onne stella n'è lucente,
quando m'apparve Amor subitamente,
cui essenza membrar mi dà orrore.

Allegro mi sembrava Amor tenendo
meo core in mano, e ne le braccia avea
madonna involta in un drappo dormendo.

Poi la svegliava, e d'esto core ardendo
lei paventosa umilmente pascea:
appresso gir lo ne vedea piangendo

Ao coração gentil, de Amor cativo,
ao qual este meu texto se apresente,
a quem o reescreva e o transparente,
venho saudar, e ao seu Senhor altivo.

Para além da hora terça o tempo esquivo
corria no estelário reluzente,
quando Amor me surgiu subitamente
e o horror, no seu aspecto, lembro, vivo.

Alegrava-se Amor, pois exhibia
meu coração nas mãos: dama formosa
num manto em seu regaço adormecia.

E a despertava, e o coração que ardia
dava Amor de comer à temerosa.
Depois, como chorando, Amor fugia.

A tradução entre línguas diferentes proporciona a construção de um enorme patrimônio cultural, basta pensar em Cícero e o seu projeto de tradução em massa da

literatura grega, ou ainda do projeto de tradução realizado pelos alemães no século XIX. Nesse sentido, Madame de Staël (1766-1817). Conheça um pouco da sua biografia¹⁸. Em seu famoso ensaio “Do espírito das traduções” (1821) convida todos os países a traduzir, porque segundo ela:

Não há mais eminente serviço que se possa prestar à literatura do que transpor de uma língua para outra as obras-primas do espírito humano. Existem tão poucas produções de primeira ordem; o gênio, em qualquer área que seja, é um fenômeno tão raro, que se cada nação moderna fosse reduzida a seus próprios tesouros, seria sempre pobre (2004: 141).

Vale ainda ressaltar, antes de finalizarmos esta unidade, que uma das maiores discussões, como visto, no campo da tradução interlingual é a famosa polêmica entre tradução livre e tradução literal. Paulo Rónai em *Escola de Tradutores*, observa que “Pensa-se geralmente que a tradução fiel é a tradução literal, e que, portanto, qualquer tradução que não seja literal é livre. [...]” (1987: 20). Rónai prossegue afirmando que:

Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor limitar-se a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos. As inúmeras divergências estruturais existentes entre a língua do original e a tradução obrigam o tradutor a escolher, de cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz (1987: 21).

Por isso, nunca vai existir uma única tradução ideal de determinado texto. Haverá muitas traduções boas, mas não *a* tradução boa de um original (Rónai, 1987: 23). Essa idéia também já estava em Borges, pois para ele não existe tradução única. Umberto Eco, por sua vez, observa que não é possível ser completamente “fiel” porque ao traduzirmos, não dizemos nunca a mesma coisa, mas quase a mesma coisa. Ademais, ao finalizar o seu livro *Quase a mesma coisa: experiências de tradução* (2007), o autor italiano diz:

A conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável [...]. A fidelidade é, antes, a tendência a creditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretada com apaixonada complicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa (2007: 426).

¹⁸ <http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-stael.html>

Eco vai além ao lembrar que se consultarmos qualquer dicionário, é possível ver que “entre os sinônimos de *fidelidade* não está a palavra *exatidão*. Lá estão antes *lealdade, honestidade, respeito, piedade* (2007: 426).

Após esta longa discussão sobre tradução interlingual e suas implicações, passemos agora a estudar o último tipo de tradução, a chamada tradução intersemiótica, formulado por Jakobson.

Tradução intersemiótica

Um dos campos mais promissores dos Estudos da Tradução é a tradução intersemiótica. Ela pode ser definida, segundo Jakobson, como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro. A forma mais freqüente se dá entre um sistema verbal e um não-verbal, como acontece com a passagem da ficção ao cinema, vídeo e história em quadrinhos; com a ilustração de livros; com a passagem de texto a publicidade. No entanto, ela pode acontecer também entre dois sistemas não-verbais, como por exemplo, entre música e dança e música e pintura.

Na passagem de texto para outro sistema, temos o seguinte esquema:

texto de partida → intérprete → ícone de chegada

através de códigos diferentes, isto é

texto = imagem estática: desenho, foto, pintura

ou

texto = imagem animada através de vídeo, cinema

Para Rónai, a tradução intersemiótica é “aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico mesmo desacompanhado de palavras. É em virtude dessa tradução que uma pessoa se ofende quando outra não lhe aperta a mão estendida ou se sente à vontade quando lhe indicam uma cadeira ou lhe oferecem um cafezinho” (1976: 2). A transposição intersemiótica é feita de um sistema de signo para outro, por exemplo, da

arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura. A semiótica¹⁹, para Jakobson, está no centro da discussão sobre a tradução, pois esta é uma forma de interpretação de signos. Leia mais sobre o assunto no www.cadernos.ufsc.br.

Assim como a tradução intra e interlingual, a tradução intersemiótica, de acordo com Thais Nogueira Diniz, também procura,

por equivalentes, ou seja, a busca, em um determinado sistema semiótico, de elementos cuja função se assemelhe à de elementos de outro sistema de signos. Entretanto, esse procedimento ainda leva em conta a existência de um sentido no texto, que deve ser transportado/traduzido para um outro texto/sistema, isto é, considera-se que o sentido (segundo os Novos Críticos) seja imanente ao texto, provenha de sua estrutura. (*Cadernos de Tradução VII*).

Na tradução intersemiótica, mas também nos demais tipos de tradução discutidos acima, não é possível traduzir tudo. Quando se pensa na passagem do verbal para o visual como na adaptação para o cinema do romance *Anna Kariênina*, de Liev Tolstói, da peça *Hamlet* de William Shakespeare, do conto “Emma Zunz”, de Jorge Luis Borges ou do poema “O padre e a moça”, de Carlos Drummond de Andrade, o intérprete/tradutor precisa ter, desde o início, uma estratégia de tradução para determinar quais são os componentes mais característicos do texto a ser traduzido entre dois códigos diferentes, pois quando um dos textos de uma tradução não é verbal, a seleção entre as partes que se traduzem e as que se sacrificam é muito mais evidente.

De fato, como afirma Osimo:

o tradutor intersemiótico, queira ou não, está sendo obrigado a dividir o texto original em partes [...]: denotação/conotação, expressão/conteúdo, diálogos/descrições, referências intertextuais/intratextuais etc. A seguir, deve desmontar tais partes do original, encontrar um elemento traduzível em cada uma delas e voltar a montá-las, recriando a coerência e a coesão, que, como já observamos, é a essência de um texto. In: http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.traduzione_bp?lang=bp

Ou, ainda segundo Thais Nogueira Diniz, “mesmo que se estabeleçam equivalentes semânticos para os elementos de dois sistemas de signos diferentes, não se pode abranger todas as nuances de cada um dos sistemas”, até porque, como já estudado quando discutimos a tradução intralingual e interlingüística, não existe correspondência total entre dois textos (sejam eles ou não de sistemas diferentes). Seguindo ainda este raciocínio, Thais N. Diniz diz que “toda tradução irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original, e o sucesso não dependerá apenas da criatividade

¹⁹ <http://www.semiotic.com.br/conceito/semiotica.htm>

nem da habilidade, mas das decisões tomadas pelo tradutor, seja sacrificando algo, ou encontrando a todo custo um equivalente”. E prossegue “Se nos lembrarmos de que o sentido é o resultado de uma interpretação, de uma leitura, e da função que o texto/tradução terá para a audiência a que se destina, nunca poderemos avaliar uma tradução com critérios de fidelidade” (*Cadernos de Tradução VII* In www.cadernos.ufsc.br).

Se tomarmos como exemplo a adaptação de um texto literário para o cinema, o intérprete/tradutor deve ter em mente que o texto literário utiliza a palavra enquanto um filme adota outros recursos como a imagem, o som. Na realidade, trata-se do uso da palavra escrita e da palavra pronunciada ou dos gestos, da música e das expressões no cinema mudo. Para realizar a tradução fílmica de um texto verbal, vários elementos estão presentes: o diálogo, a ambientação, a trilha sonora, a montagem, o enquadramento, a iluminação, a cor, o plano, a perspectiva etc. Osimo diz que “para realizar a tradução fílmica de um texto verbal, é imprescindível fazer uma subdivisão racional do original para decidir quais elementos da composição fílmica são confiáveis para tradução de determinados elementos estilísticos ou narratológicos do original”. (In http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.traduzione_bp?lang=bp).

Exemplos de tradução intersemiótica não nos faltam. Pensemos na adaptação para história em quadrinhos do romance *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, do livro de história e sociologia *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire; adaptação para o vídeo de crônicas de Nelson Rodrigues e Luis Fernando Veríssimo, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa; adaptação para o teatro do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade; adaptação para o balé de conto de fada “A bela adormecida”, do romance *Don Quijote*, de Miguel de Cervantes ou dos poemas João Cabral de Melo Neto musicados por Chico Buarque de Holanda.

Embora o ensaio de Roman Jakobson “Aspectos lingüísticos da tradução” seja bastante abrangente e consiga abarcar boa parte dos tipos de tradução, há ainda outros, como veremos a seguir.

Outros tipos de tradução

Vale ainda lembrar que há outros tipos de tradução como:

- 1) a tradução automática
- 2) a tradução simultânea e
- 3) a tradução consecutiva.

Nesta parte, vamos apenas tratar da tradução automática. A tradução simultânea e a consecutiva vão ser discutidas com detalhes na unidade 3.

Por tradução automática entende-se a tradução feita por meios mecânicos, ou seja, sem a intervenção direta de um ser humano. Quando surgiu, na década de 50 do século XX, a tradução automática era feita através de programas elaborados para grandes computadores mas, com a invenção do computador pessoal e o progressivo aumento de sua capacidade e velocidade de processamento de dados, ela é feita através de programas de software destinados a rodar nos computadores pessoais facilmente acessíveis aos consumidores. Esses programas são especialmente desenhados para lidar com certos pares de línguas, seja diretamente, seja através de uma língua intermediária. Esses programas costumam ser oferecidos em duas versões atualmente: uma livre, e mais limitada, que se pode copiar na internet e outra paga, com mais recursos, destinadas, sobretudo a empresas.

Alguns desses programas conseguem um surpreendente grau de exatidão e rapidez, sobretudo para textos técnicos e outros tipos textuais bem definidos, com sintaxe, vocabulário e fraseologia bem definidos. Em textos mais híbridos e com grande variedade vocabular, sintática e fraseológica, como os textos literários, de humor e de publicidade, a eficácia desses programas é limitada, ainda quando, em sua maioria, eles possam ser “programados” para lidar com dificuldades específicas. Os aspectos polissêmicos²⁰ do uso do vocabulário, as figuras de linguagem, os jogos de palavras e outras complexidades normais nesses tipos de texto dificultam, ou tornam inócuo, o uso da tradução automática. Veja um exemplo disso no seu DVD.

Na próxima unidade, vamos falar do papel do tradutor e do intérprete, que, para Ewandro Magalhães Jr, quando transformados em verbos e ações traduzir e interpretar se interpenetram (2007: 26).

²⁰ Polissemia: Referente a polissemia; que tem mais de um significado.

FUNÇÕES DO TRADUTOR E DO INTÉRPRETE

Nesta parte, vamos abordar a distinção entre tradutor e intérprete, bem como das particularidades e da importância de ambos para a comunicação através das definições de Schleiermacher, Mounin, Paulo Rónai e de Maria Cristina Pereira.

A tradução oral, ou interpretação, existiu desde o início do surgimento das línguas e do contato entre povos de línguas diferentes, desempenhando um papel importante nas trocas comerciais e culturais, para não dizer na solução de problemas bélicos e diplomáticos. Nos tempos modernos, com a chamada globalização, ocorre um verdadeiro florescimento da interpretação com a multiplicação de colóquios e congressos internacionais. Cabe recordar a diferenciação paulatina entre a figura do intérprete e a do tradutor. Até o século XI, aproximadamente, era chamado intérprete quem fazia tradução, tanto oral quanto escrita. A partir do século XII, começa-se a falar de intérprete como aquele que faz tradução oral, ou seja interpretação, e de tradutor, como aquele que faz tradução escrita.

O ponto comum é o trabalho com texto e com língua estrangeira, pois segundo Melanie Metzger, “a tradução e a interpretação lidam com um determinado texto em outra língua” (2002: 3).

O intérprete atua com a forma oral ou gestual e instantânea ou consecutiva de tradução, já o tradutor, que trabalha com o texto escrito, sempre terá mais tempo para consultar os instrumentos do ofício (dicionários, livros, internet etc), diferentemente do intérprete. O intérprete, segundo Mounin “deve ser um orador e até mesmo um ator: um virtuoso, um artista” (1965: 179).

Há dois tipos básicos de interpretação, que exigem do intérprete habilidades específicas: a interpretação simultânea e a interpretação consecutiva. Na interpretação simultânea, de acordo com Ewandro Magalhães Jr. “o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou idéia apresentada pelo palestrante na língua de partida” (2007: 44). Nesse caso, o intérprete deve ter uma memória excelente, rapidez de intuição, além, obviamente, do conhecimento da língua e da cultura da qual traduz, requisito fundamental para toda tradução. A tradução simultânea tem a vantagem de não aumentar o tempo do evento mas exige recursos técnicos como uma cabine para o intérprete e fones de ouvido para os assistentes. A tradução consecutiva, por sua vez, não exige nenhum recurso tecnológico adicional. Nela, o intérprete escuta trechos do texto a ser traduzido, eventualmente com o auxílio de notas, e em seguida produz um texto em suas próprias palavras e que não segue necessariamente as frases do orador.

Segundo Ewandro Magalhães Jr. na tradução consecutiva “a pessoa que tem a palavra faz pausas periódicas em sua fala, a fim de permitir que o intérprete faça o translado da língua original (língua-fonte ou língua de partida) à língua dos ouvintes (língua-meta ou língua de chegada)” (2007: 44).

Tanto na tradução simultânea quanto na consecutiva é freqüente que o texto a traduzir seja colocado previamente à disposição do intérprete. Cabe assinalar, no entanto, que muitas vezes o orador improvisa e se afasta do texto entregue ao intérprete.

Além disso, quando se fala em tradutor e intérprete, devemos ter em mente uma outra discussão feita no século XIX por Friederich Schleiermacher no texto “Sobre os diferentes métodos da tradução”, de 1813. Para o filósofo alemão, a tradução pode acontecer dentro da própria língua ou de uma língua estrangeira para outra. Nesse caso, aparecem, então, duas figuras distintas: o **intérprete** e o **tradutor**. O intérprete, para Schleiermacher, atua no campo dos negócios (oral) e o tradutor no campo da ciência e da arte (escrito). Ele observa, ainda, que a tradução de escritos narrativos e descritivos pode ter também muito da função do intérprete, mas o tradutor se sobrepõe ao intérprete quando chega ao seu ramo mais próprio, isto é, o poder de combinar livremente as produções intelectuais da arte e da ciência com o espírito da língua, a forma de ver o mundo e a matriz do estado da alma (2001: 29).

Na realidade, o filósofo alemão destaca a função do tradutor porque somente ele (e não o intérprete), através da tradução (porque é escrita) de grandes textos clássicos da literatura ocidental e oriental, mas também textos filosóficos e religiosos, vai ser capaz de fortalecer (renovar, ampliar) a língua e a cultura nacional.

Embora Schleiermacher dê mais valor ao tradutor que ao intérprete por este estar relacionado ao ramo dos negócios, que usa uma linguagem mais técnica e, por isso, mais árida, mas também porque a língua oral não é registrada, sabe-se que o papel do intérprete vai além e é uma atividade tão nobre quanto a do tradutor e uma das mais antigas do mundo e sobre o qual vamos falar em seguida, mas antes vale lembrar que os tradutores, figuras centrais no desenvolvimento das civilizações, sempre contribuíram para a emergência, o enriquecimento e a promoção das línguas e literaturas nacionais, para o despertar de uma consciência coletiva de grupos étnicos e lingüísticos, para importar novas idéias e valores, além de colaborar para a preservação do patrimônio cultural da humanidade. Nas palavras do irlandês Michael Cronin (apud Bassnett 2003: 2), o tradutor é também um viajante, alguém em viagem de uma fonte para outra.

Na tradução interlingual, como já visto, o **tradutor e intérpretes** são figuras centrais, pois responsáveis pelo desenvolvimento das civilizações, contribuindo sempre para o surgimento, o enriquecimento e a promoção das línguas e literaturas nacionais, para o despertar de uma consciência coletiva de grupos étnicos e lingüísticos, para importar novas idéias e valores, além de colaborar para a preservação do patrimônio cultural da humanidade. Essas contribuições podem estar associadas a nomes tão heterogêneos, e de fama tão desigual, como Ulfila (evangelista dos godos), São Mesrop Mashtots (inventor do alfabeto armênio e tradutor da Bíblia), São Jerônimo, William Tyndale (primeiro inglês a traduzir a Bíblia diretamente das línguas originais), Martinho Lutero e Jorge Luis Borges, entre muitíssimos outros.

E ainda no caso da tradução interlingual, como discute Paulo Rónai:

ao tradutor (e isso também vale para o intérprete) não lhe basta um conhecimento aproximativo da língua do autor que está vertendo. Por melhor que maneje o seu próprio instrumento, não pode deixar de conhecer a fundo o instrumento do autor. O tradutor deve conhecer todas as minúcias semelhantes da língua de seu original a fim de captar, além do conteúdo estritamente lógico, o tom exato, os efeitos indiretos, as intenções ocultas do autor. Assim a fidelidade alcança-se muito menos pela tradução literal do que por uma substituição contínua. A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências. Mas como não há equivalências absolutas, uma palavra, expressão ou frase do original podem ser freqüentemente transportadas de duas maneiras, ou mais, sem que se possa dizer qual das duas é a melhor (1987: 22-3).

Embora os tradutores/intérpretes sempre tenham servido de elo na cadeia de transmissão do conhecimento entre sociedades separadas por barreiras lingüísticas, construindo pontes entre nações, raças, culturas e continentes, e entre o passado e o presente, sabemos que eles foram, por muitos séculos, relegados a segundo plano, desprezados e, em certas conjunturas, perseguidos. William Tyndale, por exemplo, foi queimado na fogueira em 1536 na Bélgica por suas traduções da Bíblia, de inspiração protestante. E em pleno século XX o livro *Os versos satânicos* foi considerado ofensivo ao islã e seu autor, Salman Rushdie recebeu uma sentença de morte em fevereiro de 1989 por meio de uma *fatwa* (edito religioso) impetrada pelo aiatolá²¹ Khomeini. O autor vive até hoje sob proteção da polícia ritânica, mas seus tradutores sofreram represálias. Assim, o tradutor japonês Hitoshi Igarashi foi morto a

²¹ No Irã, título atribuído aos especialistas ou interpretadores xiitas da lei islâmica, e especialmente àqueles de autoridade superior.

facadas nas ruas de Tóquio, em 1991, por um radical islâmico. Outro tradutor, o italiano Ettore Capriolo, sobreviveu a um ataque em Milão. No entanto, o castigo mais comum infligido a estes mediadores, sem os quais não existiria cultura mundial, tem sido o silêncio. Ainda hoje é comum vermos, nos jornais e revistas, ou nos sites das editoras, resenhas e anúncios de livros traduzidos em que não consta o nome do tradutor. Nas palavras do teórico norte-americano da tradução Lawrence Venuti, os tradutores costumam ser "invisíveis".

Tentativas de sanar esta lacuna têm sido feitas no âmbito internacional. Entre elas, cabe destacar *Os Tradutores na História*, organizado por Jean Delisle e Judith Woodsworth (Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998). Neste livro, ganha relevo o tradutor como personagem importante, e às vezes decisivo, na história cultural da humanidade. No Brasil, tem havido uma série de iniciativas para valorizar e pesquisar o trabalho dos tradutores. A defesa dos direitos do tradutor, ainda tão pouco reconhecidos aqui, tem sido a bandeira do Sintra²² (Sindicato Nacional dos Tradutores) e da Abrates²³ (Associação Brasileira dos Tradutores). Nos meios acadêmicos, a Abrapt²⁴ (Associação Brasileira dos Pesquisadores em Tradução) tem realizado congressos e estimulado a investigação dos múltiplos aspectos do fenômeno tradutório. Há iniciativas na UFSC de tornar o tradutor mais visível, como no projeto do dicionário de tradutores literários²⁵ ou ainda a revista *Cadernos de Tradução*, publicada desde 1996, que conta com uma seção dedicada aos tradutores.

Um tradutor literário que representa bem a categoria no Brasil é Paulo Henriques Britto. Contrariamente à maioria dos tradutores profissionais, ele é bastante reconhecido tanto por colegas como pelos editores. Paulo, que também é poeta e contista, representa também os múltiplos cruzamentos que a atividade tradutória costuma ter, já que, além de influenciar a cultura brasileira com suas traduções, ele também escreve poesia, ficção e ensaio, além de ser professor na PUC-Rio. A entrevista abaixo, concedida a Marlova Aseff e publicada no jornal *Diário Catarinense*, ilustra bem a relevância que o trabalho do tradutor tem na cultura brasileira.

²² www.sintra.org.br

²³ www.abrates.com.br

²⁴ www.fflch.usp.br/sitesint/abrapt

²⁵ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br>

Pergunta - Fale um pouco da experiência de traduzir e mergulhar na vida de Elizabeth Bishop.

Britto - Eu traduzi a sério, mesmo, três poetas: Wallace Stevens, Byron²⁶ e Elizabeth Bishop²⁷. Foram os três projetos de tradução de poesia em que eu fui mais fundo. E dos três, o que eu fui mais fundo foi o projeto da Bishop, porque eu não apenas fiz uma antologia pegando quase metade do corpus da poesia dela, como também traduzi a prosa e as cartas dela. Foi uma coisa que eu nunca tinha feito em minha vida, um projeto de pesquisa sério. Quando eu percebi, estava me tornando um entendido em Elizabeth Bishop. Fiquei mais ou menos seis anos imerso nesse projeto.

Pergunta - E quanto ao Byron?

Britto - Com Byron foi diferente. Traduzi apenas um poema dele, um poema longo, mas que também me ocupou durante anos e me obrigou a ler a obra toda dele. Foi também muito interessante. Mas foi uma iniciativa minha, que fiz nas horas vagas. No caso da Bishop, foi interessante porque eu fui remunerado. A editora comprou o pacote da obra completa dela para lançar no Brasil as cartas, a prosa e uma seleção das poesias dela.

Pergunta - Você assimilou algo da poesia de Byron e de Bishop em sua criação?

Britto - Esses poetas em que eu mergulhei, todos deixaram uma certa marca. O Wallace Stevens foi talvez o que deixou marcas mais fundas porque eu o li quando ainda estava em formação. Descobri a poesia dele quando eu estava com 23, 24 anos e estava escrevendo os poemas que saíram no meu primeiro livro, de 1982. Dele peguei duas coisas importantes: um certo olhar filosófico, uma poesia muito pensante, de caráter introspectivo, e uma coisa meio objetiva, liberta do eu, porque o Fernando Pessoa, que foi minha leitura básica, reforçou um lado muito autocentrado, algo que todo adolescente tem, de esmiuçar o eu. O que eu gostei do Stevens é que ele voltava seu olhar filosófico para outras coisas, para o mundo, para a arte, para os objetos. Para mim, isso foi muito bom porque me obrigou a sair um pouco do "eu".

Pergunta - Sua poesia fala do mundo, das coisas...

²⁶ No site <http://www.beatrix.pro.br/literatura/byron.htm> você encontra informações sobre o autor inglês Byron e a sua poesia romântica.

²⁷ Conheça um pouco sobre Elizabeth Bishop no site <http://www.uvm.edu/~sgutman/Bishop.html>

Britto - Sim, e nisso o Byron foi fundamental para mim. Com ele aprendi duas coisas: uma foi lidar com formas fixas de uma maneira mais disciplinada, a outra tem a ver com a sua personalidade voltada para o "aqui e agora". O poema dele que traduzi tem um fiapo de história, uma bobagem, mas cheia de digressões, que são o mais interessante. Ele fala mal da Itália, da Inglaterra, dos amigos, dos inimigos. E essa coisa meio superficial e dispersiva dele foi boa para me puxar para a realidade. Por outro lado, a Bishop eu traduzi quando já estava com meu estilo poético já mais ou menos definido, então o impacto da obra dela na minha poesia foi menor, mas ela trabalha muito bem com a forma e reforçou isso em mim.

Pergunta - Como tradutor, você se preocupa em influenciar o ambiente cultural?

Britto - Uma das coisas que me levaram a traduzir o Byron foi a idéia de que a poesia brasileira estava precisando de um banho de objetividade. Eu não agüentava mais essa coisa de poema sobre o poema, poema sobre a leitura, sobre a impossibilidade de escrever poemas. Essas coisas cansam, caem numa certa esterilidade. Fiquei impressionado com o fato de o Byron fazer poesia e estar ligado no mundo. Isso me interessava na medida em que a poesia estava se descolando do resto do mundo.

Pergunta - E o que você busca quando traduz prosa?

Britto - Eu busco todas aquelas coisas que tradicionalmente todos os tradutores buscam, por mais que os teóricos esperneiem. Busco uma tradução fiel ao original, busco recriar em português os efeitos estilísticos do original e tento, na medida do possível, me tornar transparente ou invisível, colocando o mínimo de mim nos livros que traduzo. O lugar para eu me colocar como tradutor é o paratexto, a introdução, as notas, o posfácio²⁸. É o lugar para eu me afirmar como escritor é a minha poesia. No momento em que estou traduzindo, estou interessado em recriar em português, da melhor maneira possível, o que eu acho que sejam os valores estéticos do original. É a mesma coisa que eu faço na tradução de poesia. A única vantagem de trabalhar com poesia é que tudo é muito concentrado. Num textinho de 10 ou 15 versos, os problemas são muito mais críticos. O texto poético tem inúmeros níveis, mais do que a prosa mais refinada. Mas tudo que estou propondo para a avaliação de poesia pode, mutatis mutandis, ser aplicado na prosa.

²⁸ Advertência posta no fim de um livro.

Como visto, Paulo Henrique Britto é um tradutor do inglês para o português e trabalha apenas com as línguas vocais, por isso, abaixo, segue entrevista com Heloise Gripp, tradutora do português para a Língua Brasileira de Sinais.

1. Como nasceu o seu interesse pela tradução?

A tradução sempre esteve presente na minha vida, traduzindo a sinalização dos meus pais surdos para a escrita da língua portuguesa ao nos comunicar com pessoas ouvintes nos lugares públicos. Já me chamaram para traduzir para surdos com pouco conhecimento de LIBRAS de forma de tradução intralingual nas associações de surdos e quanto à tradução interlingual tenho pouco conhecimento em outra língua de sinais americana e também a língua de sinais internacional.

Por outro lado profissional, o meu interesse começou por necessidade de ser mediadora da transmissão dos conhecimentos da língua portuguesa para pessoas surdas na vida escolar e profissional deles.

2. Desde quando você traduz?

Profissionalmente, há uns nove anos.

3. Como você aprendeu a traduzir?

Sempre traduzindo para minha família na comunicação com as pessoas ouvintes como cartas, bilhetes, papel no diálogo... E aos 12 anos de idade, aprendi a distinguir as duas línguas: língua portuguesa e Libras nos momentos diferentes na leitura e escrita, pois neste momento fui traduzir um texto pausadamente em português sinalizado, ora olhando para o texto e ora sinalizando para meu pai que não entendeu e fui interpretar novamente em Libras, que ele logo entendeu. Percebi que há grande diferença entre português sinalizado e Libras.

Foi a partir daí, que comecei a trabalhar na tradução, sob ponto de vista cultural e lingüística ao interpretar da língua portuguesa para Libras, não somente uso de sinais, também o uso das expressões faciais gramaticais e afetivas, os olhares, o espaço da sinalização, a posição de uso dos sinais diante da câmera ou do público.

E aprofundei aprendendo as técnicas de tradução ao trabalhar na tradução das histórias para Libras em vídeos e DVD's com a equipe de profissionais surdos nas histórias

clássicas em Libras, mais especificamente diferença entre narração e dramatização sob aspectos gramaticais em Libras.

4. Que tipos de textos você traduz (técnicos, literários)?

Textos literários: histórias da Literatura infantil: contos e fábulas, Hino Nacional, histórias clássicas de Literatura Brasileira: de Machado de Assis e de José de Alencar;

Textos didáticos: livros didáticos da Cartilha de Alfabetização e do Ensino Fundamental;

Textos científicos: disciplinas do curso de licenciatura de Letras/Libras.

5. Quais são as maiores dificuldades de traduzir do português para Libras?

Por estas línguas serem de modalidade diferente: a língua portuguesa da modalidade oral-auditiva e a língua de sinais da modalidade viso-espacial. E também têm suas próprias regras gramaticais, e não um jeito de traduzir uma palavra por um sinal e sim pela leitura das estruturas sintáticas, dependendo dos níveis lingüísticos principalmente a semântica e a pragmática como o uso de metáforas, provérbios que há necessidade de tradução cultural, assim como as metáforas de Libras para português.

Por falar da tradução cultural, há partes que são respeitadas ao traduzir de modo cultural e viso-espacial, por exemplo, diálogos, as produções sonoras, cumprimentos entre as pessoas, toque de companhia (som), para diálogos construídos pelo narrador, as produções visuais e manuais e toque de companhia (luz) e entre outros.

Você também faz traduções de Libras para português?

Sim.

6. Você consegue viver da tradução?

Se for apenas de tradução, não. É uma forma complementar ao meu emprego fixo.

7. Quais livros você traduziu? Qual o mais difícil e por quê?

Os livros citados acima. O mais difícil foi a história Iracema, escrita pelo José de Alencar por ser do século 19 e das estruturas sintáticas e verbais da gramática

tradicional e uso das palavras arcaicas.

8. Você conhece teoria da tradução? Você acha que a teoria ajuda a traduzir melhor?

Tenho conhecimento apenas alguns aspectos teóricos da tradução como tradução literal, tradução cultural e tradução livre. Aprendi mais sobre as teorias da tradução e seus autores como Jakobson através do curso de licenciatura de Letras/Libras.

Sim, com certeza.

9. Quais são os seus conselhos para quem quer entrar nessa profissão?

Que tenham o conhecimento sobre as teorias de tradução e as técnicas de tradução, principalmente a tradução cultural para atingir a compreensão na língua-alvo para os interlocutores com clareza, respeitando sob fatores sociais como idade, classe social, escolaridade. Trabalhar com a maior concentração e discernimento nas línguas de modalidades diferentes e no momento de traduzir de português para Libras, assim evitando o português sinalizado.

Depois dessas duas entrevistas, vale reproduzir a definição de Bruno Osimo dado ao tradutor, mas também pode ser aplicada ao intérprete. Segundo Osimo:

O tradutor é um animal social, porque traduzir é comunicar. É também um animal cultural se, como temos visto, a tradução é feita de uma cultura para outra. Neste sentido, quem pertence a uma comunidade, entendida como núcleo social em sua acepção mais ampla, e deve tratar com pessoas que não pertencem a tal comunidade, vê-se obrigado a traduzir para poder comunicar-se a partir de dentro com o exterior do grupo social. Em toda comunidade a comunicação é baseada em uma altíssima percentagem de elementos que se dão por adquiridos, em torno dos quais esta se produz. (In http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cap_1_39?lang=bp)

Além do tradutor, um papel particularmente importante ao longo da história, como já visto, é também o dos intérpretes, especialmente em alguns momentos-chave da história mundial. Georges Mounin afirma que

a tradução diplomática, pela sua utilidade prática, existe há mais de quatro milênios. Os tratados de paz criavam a exigência de tradutores já em épocas em que as religiões eram propriedade de uma única comunidade ética, e não se exportavam. Apenas com o desenvolvimento das religiões universais, a tradução religiosa se torna o mais importante gênero de tradução (1965: 129).

Em “O intérprete: de “mal necessário” a “salvador da pátria” (In <http://www.sintra.org.br>), Raffaella de Filippis Quental diz que muitas vezes o intérprete é considerado um “mal necessário” porque “seria muito melhor não precisar de intermediários e estabelecer um canal de comunicação direto com a outra parte”. Já para Ewandro Magalhães Jr., ao falar sobre o papel do intérprete na tradução simultânea, mas que pode ser aplicado a qualquer intérprete, ela é “mágica. Vista de perto, parece loucura. O intérprete tem que ouvir e falar ao mesmo tempo, repetindo em outra língua palavras e idéias que não são suas, sem perder de vista o conteúdo, a intenção, o sentido, o ritmo e o tom da mensagem transmitida por seu intermédio” (2007: 19).

No caso mais próximo do interesse dos alunos de Libras, Maria Cristina Pires Pereira em “Interpretação intrelíngüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais” (2008), discute a questão do intérprete de língua de sinais (ILS), isto é, nas palavras da autora, este “artigo traz reflexões sobre o bilingüismo profissional de pessoas que atuam, basicamente, com a *interpretação (mediação) interlíngüe* entre a Libras e a língua portuguesa brasileira e suas diferenças e similitudes com os intérpretes de línguas vocais”.

Maria Cristina observa que:

a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou *sinalização*, em outra língua meta. A diferenciação é feita, em um nível posterior de especialização, quando se considera a modalidade da língua para qual está sendo transformado o texto. Se a língua meta estiver na modalidade escrita trata-se de uma tradução; se estiver na modalidade vocal (também chamada de oral) ou sinalizada (presenciais ou de interação imediata), o termo utilizado é interpretação.

Ainda de acordo com Maria Cristina:

Ser intérprete é ser, intrinsecamente, um profissional atormentado por ter que estar presente e fingir-se invisível, algo ainda mais impensável para um intérprete de uma língua que é percebida prioritariamente pelo canal visual, como uma língua de sinais; e por não poder ser o ‘eu’ nem o ‘tu’ plenamente, por estar sempre em uma posição instável e escorregadia de um simbiótico locutor-interlocutor. Estes conflitos são maximizados por estereótipos dos quais é difícil nos livrarmos, tais como o velho e surrado *traduttori, tradittori*, que coloca a profissão sob permanente desconfiança, pois se algo vai mal no ato de linguagem, o primeiro a ser apontado como culpado é o intérprete. Em obras que tratam das pessoas surdas e em que é necessária a interpretação de língua de sinais, esta desconfiança também é demonstrada.

Se a interpretação é uma das mais antigas atividades e não se pode precisar quando esta atividade começou, a atividade de intérprete no meio surdo surge, segundo Maria Cristina, no meio familiar e, aos poucos, “foi se estendendo aos professores de

crianças surdas e ao âmbito religioso. Com o passar do tempo, o fortalecimento dos movimentos sociais e políticos das comunidades surdas e o reconhecimento legal das línguas de sinais surgiu, finalmente, o ILS profissional”.

A função intérprete ganha particular relevo porque, de acordo com Stumpf, “os surdos podem, através do intérprete, compreender e ser compreendidos, e os ouvintes, são colocados no mesmo nível, precisam também do intérprete ou de aprender uma língua que não é a sua língua natural” (2005: 26).

E ainda lembra Maria Cristina que:

Apesar das pessoas surdas serem a meta principal da interpretação de língua de sinais, é importante lembrar que, de um certo modo, também somos intérpretes de língua vocal porque interpretamos da língua de sinais para a língua portuguesa e vice-versa. Intermediamos as interações entre pessoas surdas e *peessoas ouvintes*, e que ambas precisam de qualidade no serviço de interpretação que recebem. [...] Um agente tão presente na garantia dos direitos das pessoas surdas, com tarefas tão, ou mais, complexas do que os intérpretes de línguas vocais, merece ser tirado do obscurantismo e ser alvo de, cada vez mais, estudos acadêmicos.

Depois dessa discussão sobre o intérprete nas línguas vocais e sinalizadas, abaixo segue entrevista com a autora do artigo acima mencionado e intérprete de Libras Maria Cristina Pires Pereira.

1. Desde quando você trabalha como intérprete?

Especificamente, como intérprete, desde 1998. Antes disto, fiz alguns trabalhos, como tradutora, esporadicamente, pois também possuo a formação, no ensino médio, de Técnica Tradutora e Intérprete.

2. Quais as dificuldades da sua profissão?

Falta de conhecimento e reconhecimento nos meios acadêmicos e legais, principalmente. A representação das pessoas surdas, no imaginário social, ainda, em sua maioria, é de pessoas incompletas e defeituosas o que, conseqüentemente, acarreta um viés caritativo à nossa profissão. Não é incomum que dos intérpretes de língua de sinais seja exigido o trabalho voluntário e sem direitos trabalhistas (pausas, revezamento entre os intérpretes, etc.) em nome de "ajudar aos surdos", "amor aos surdos".

3. Você acha que a teoria de tradução ajuda na profissão de intérprete?

A contribuição que a teoria da tradução pode dar à tradução e interpretação de língua de sinais é inestimável. E vice-versa, pois nós, intérpretes de língua de sinais, carecemos de uma formação embasada teoricamente. Muito de nosso conhecimento é construído unicamente sobre base empírica. Ao mesmo tempo, um olhar da teoria da tradução também sobre a intermediação lingüística entre línguas de diferentes modalidades pode auxiliar a expandir a área de abrangência dos conceitos atuais voltados, quase que exclusivamente, para as línguas vocais.

4. Que conselhos você daria para quem está entrando nesta profissão?

Em primeiro lugar, procurar desenvolver, ao seu máximo, a proficiência lingüística nas nossas línguas de trabalho: a língua portuguesa e a Libras. Sensibilizar-se culturalmente para as comunidades a que atendemos, pois língua e cultura estão ligadas de forma interdependente. Desenvolver e manter autodisciplina, autocontrole e autogerenciamento, pois, em geral, trabalhamos muito sós. E, claro, manter uma postura profissional, acima de tudo.

5. A atividade de intérprete nas línguas vocais é uma profissão bem remunerada. E no caso do intérprete de línguas sinalizadas?

Pelo que o SINTRA (sindicato dos tradutores) recomenda, a tradução nas línguas vocais é uma profissão razoavelmente remunerada, especialmente se a compararmos aos intérpretes de línguas de sinais. Para se ter uma idéia, no Rio Grande do Sul, ao menos, um/a intérprete recebe por 20h de trabalho, em uma instituição de ensino superior, em média 600 reais por mês!

6. Quais são os requisitos básicos para se tornar um bom intérprete de Libras?

Proficiência ótima em língua portuguesa e na Libras, atitude profissional e autonomia.

7. Como estão os estudos sobre interpretação de Língua de Sinais no Brasil?

Incipientes. Muitos poucos estudos existem nesta área, a maioria enfoca a interpretação educacional e nem sempre com um olhar sobre a interpretação e sim sobre os alunos surdos.

8. Você já teve algum problema insolúvel de tradução enquanto intérprete?

Sim. Fui agendada para interpretar uma prova de Carteira Nacional de Habilitação e na hora da prova percebi que o rapaz simplesmente não conhecia nem a língua portuguesa, nem a Libras. Além de insolúvel foi muito frustrante ver um homem de mais de 30 anos de idade que morava na Grande Porto Alegre e, pior, tinha, de alguma forma, freqüentado as aulas teóricas, ter sido levado a uma situação extrema, exatamente na prova. A impressão que me causou foi de que os professores o ignoraram ou o aprovaram sem nenhuma reflexão. Um ser humano que precisava somente de uma língua para se desenvolver foi, literalmente, imbecilizado por ignorância ou, talvez, preconceito de seus cuidadores quando era criança. Foi uma situação muito estressante! E não é incomum...

CONCLUSÃO

Ainda hoje, quando se pensa em tradução, apesar de o assunto ser objeto de um número crescente de pesquisas acadêmicas e de ser ensinada em diferentes disciplinas do currículo, tanto em graduação como em pós-graduação, é comum que ela seja considerada como um simples ato mecânico. Na realidade, como se viu anteriormente, as coisas se passam de maneira diferente, pois em qualquer tipo de tradução as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto e por estarem dentro deste contexto. Ela pode, portanto, ser considerada, uma quinta habilidade, como as outras de: ler, escrever, escutar, interpretar.

A tradução também pode ser considerada uma atividade paradoxal por excelência. Aliás, como afirmou José Ortega y Gasset em “Esplendor y Miseria de la Traducción” (Obras, Madrid, Espasa-Calpe, 1943), a tradução interlingual, é em princípio impossível. Pois, se lemos num texto brasileiro a palavra "floresta", logo pensamos na floresta amazônica, num mundo de vegetação luxuriante e diversificada, ou nas queimadas que a devastam atualmente, enquanto um alemão, quando lê *wald*, vê mentalmente uma floresta européia, regular e uniforme, com as árvores mais agrupadas por espécies. Mas, impossível em princípio, a tradução tem de ser feita. E Ortega y Gasset afirma então que tudo o que o homem realiza de grande situa-se no campo do impossível.

Como se pode perceber, a complexidade permeia os três tipos de tradução. Traduzir, seja dentro da mesma língua, entre línguas ou entre sistemas semióticos, é uma tarefa que exige interpretação, escolhas, leitura atenta e a bibliografia acerca deste assunto é extensa. Em um sentido mais amplo, Osimo argumenta que “traduzir equivale a racionalizar ou, segundo Umberto Eco, “negociar”, aliás esta é a tese principal do livro *Quase a mesma coisa – experiências de tradução*. E negociar deve ser entendido, para

o escritor italiano, como um processo com base no qual renuncia-se a alguma coisa para obter outra. Se o original contém alguns elementos ambíguos ou polissêmicos, tradutor deve, em primeiro lugar, lê-los, identificá-los, interpretá-los e, a seguir, traduzir o traduzível de uma maneira racional. Aliás, isso é o deveria ocorrer em qualquer tipo de tradução.

E se para Torop a tradução pode ser considerada qualquer tipo de compreensão, para Susan Sontag, “tradução diz respeito a diferenças. Um modo de enfrentar, aprimorar e, sim, negar a diferença – mesmo se for também um modo de afirmar diferenças” (2005: 432), pois a finalidade da tradução é sempre “ser resgatado da morte ou da extinção” (p. 433). Essa também é a idéia de Derrida em *Torres de Babel*, isto é, da tradução assegurar a sobrevivência de um texto. Ademais, devemos ter em mente que para os três tipos de tradução propostos por Jakobson (intra lingual, interlingual e intersemiótico), as possibilidades de traduções são múltiplas e diferentes, pois não existe tradução única. Podemos concluir que a multiplicidade das traduções, junto com a melhoria progressiva de sua qualidade, pode contribuir para que o patrimônio cultural acumulado esteja ao alcance do público, porque como observaram Octavio Paz e Derrida, a tradução está no centro da atividade humana e é responsável pelo avanço das civilizações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bassnett, Susan. *Estudos da tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
Tradução de Vivina de Campos Figueiredo
- Borges, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1976.
- Campos, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Eco, Umberto. *Quase a mesma coisa. Experiências de tradução*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.
- Magalhães Jr., Ewandro. *Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- Metzger, Melanie. *Sign Language Interpreting. Deconstructing the Myth of Neutrality*. Washington: Gallaudet University Press, 2002.

Mounin, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1965. Tradução de Heloysa de Lima Dantas.

Munday, Jeremy. *Introducing Translation Studies*. London/New York: Routledge, 2001.

Schleiermacher, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução”. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: *Clássicos da teoria da tradução – vol. 1: alemão-português*. Florianópolis: UFSC, 2001, p. 26-87.

Pereira, Maria Cristina Pires. “Interpretação intrelíngüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais” In *Cadernos de Tradução XXI*, 2008/1, no prelo.

Rónai, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976.

Sontag, Susan. *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Tradução de Rubens Figueiredo.

Steiner, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: Editora UFPR, 2005, pp. 533. Tradução de Carlos Alberto Faraco.